

JACQUES ROUBAUD: A POESIA COMO ESPIRAL DA MEMÓRIA

Paula Glenadel Leal*

RESUMO: Jacques Roubaud mantém uma permanente reflexão sobre o tempo e a memória em seus textos. Em *Quelque chose noir*, soma-se a essa reflexão o pensamento poético da ausência. A memória, luz e sombra, conduz o percurso da escrita, como numa espiral, do impasse à expansão, e pode abrir um espaço de intensidade para a produção poética contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: poesia; ausência; memória; tempo; contemporaneidade.

*Mémoire de la poésie: lumière noire de
la mémoire: diaphane de l'obscur, en nous.¹*

O poeta francês Jacques Roubaud, em seu livro *Quelque chose noir*, dedica-se a elaborar a perda de Alix Cléo Roubaud, assim como a posição que ele ocupa em relação a essa perda. Primeiro texto escrito pelo poeta após trinta meses de silêncio obstinado posteriores à morte da mulher, o livro tem a dupla marca da morte e da ressurreição (da poesia). Como organizar, por meio da linguagem poética, a perda? Como não deixar de acreditar na possibilidade da poesia frente à aparente dissolução da memória, ainda mais quando a situação da poesia, a “arte da memória” por excelência, segundo Roubaud, parece cada vez mais precária no mundo contemporâneo? Estas são as grandes questões que atravessam o livro de Roubaud.

(*) Universidade Federal Fluminense – UFF.

(1) “Memória da poesia: luz negra da memória: diáfana do obscuro, em nós.” (ROUBAUD, 1995: p.106)

A perda, em Roubaud, ecoa em diversos níveis: primeiramente, como perda do corpo amado, diluição, dissolução, interrupção de uma vida em comum, de uma relação com o espaço habitado em comum. Aqui, a concretude da perda abre-se para uma contemplação do espaço e da paisagem, que passam a *significar*, a falar da ausência da mulher, revestidos de imagens particulares, de blocos de *memória*. Trata-se de um tipo de memória “curta”, assim chamada por Deleuze e Guattari em contraste com a memória “longa” das grandes tradições, da família, da raça, da sociedade ou da civilização e que, diferentemente destas, “(...) compreende o esquecimento como processo” (DELEUZE e GUATTARI, 1980: p.25), razão pela qual ela se torna particularmente interessante para a arte.

A memória “curta”, segundo essa abordagem, pode gerar um modo particular de individuação, uma *hecceidade*², um agenciamento entre um lugar e um tempo, uma hora, uma paisagem, uma estação do ano, um personagem, somados a velocidades e afetos, ligados de modo indissociável, configurando uma individualidade autônoma, “que não se confunde com a de um objeto ou de um sujeito” (DELEUZE e GUATTARI, 1980: p.318). Assim ocorre na poesia de Roubaud que, em lugar de procurar fixar lembranças como objetos privilegiados de memória, se deixa invadir e se torna o lugar em que memória e esquecimento se entrelaçam.

Aqui, como no conto de Cícero sobre Simônides de Ceos que o poeta comenta em *L'invention du fils de Leoprepes*, a memória aparece como ao mesmo tempo mortal e divina, à semelhança dos dióscuros Castor e Pólux – inseparáveis, mas de naturezas diversas: ela é, assim, “constelação fulgurante da lembrança e sombra empocirada do esquecimento” (ROUBAUD, 1993: p.12). O duplo estatuto da memória permite atribuir à arte em geral e à poesia em particular o dom de arrancar, ao menos por algum tempo, a memória a sua dissolução inevitável.

² Termo criado por Duns Scot a partir de *HAEC*, “isto” (DELEUZE e GUATTARI, 1980: p.318). Os autores afastam-se aqui da grafia mais corrente do termo em francês (“*eccité*”, derivado de *ECCE*, “eis”), razão pela qual faremos o mesmo em português, onde o mais corrente seria “*ecceidade*” (cf. JAPIASSU e MARCONDES, 1993: p.77), ainda que o *Novo Dicionário Aurélio* registre as duas formas.

O acontecimento da poesia de Roubaud é, portanto, da ordem da constituição de *hecceidades*, ou blocos de memória, como o “golfo de telhados à esquerda da igreja”, que retorna frequentemente, com diferentes valores a cada vez (ROUBAUD, 1986: p.31, 37, 91). Esses blocos são provenientes de diferentes momentos da elaboração da perda, que se sucedem e se chocam uns contra os outros. É o que se lê em “Dans l’espace minime” (“No espaço mínimo”), poema que integra o livro:

(...) Disparaissant, tu n’as pas été mise ailleurs, tu t’es diluée dans ce minime espace, tu t’es enfouie dans ce minime espace, il t’a absorbée.

La nuit sans doute, si je m’éveille dans la nuit, avec l’angoisse de poitrine, la fenêtre énorme, à me toucher les yeux, bruyante, la nuit sans doute, je pourrais te donner forme, parler, te refaire, un dos, un ventre, une nudité humide noire, je ne m’y abandonne pas.

Je m’abandonne à l’allongement des fenêtres, de l’église, au golfe de toits à gauche de l’église, où se lancent les nuages, soir après soir.

Je laisse le soleil s’approcher, me recouvrir, s’étendre, laissant sa chaleur un moment, pensant, sans croire, ta chair remise au monde, ravivée.³

O movimento de *Quelque chose noir* é, de alguma forma, o de uma espiral: o circuito da memória e do esquecimento fornece a primeira volta, mas não dá resolução à questão da ausência da mulher, levando a um ponto de impasse ou de inflexão, ponto onde todo o rigor da elaboração da perda se exerce, o “ponto vacilante” – título de um poema do livro, em que Roubaud fala do “ponto familiar da dívida de tudo” (ROUBAUD, 1986: p.20).

⁶³ “Desaparecendo, você não foi colocada em outro lugar, você se diluiu neste mínimo espaço, você se meteu neste mínimo espaço, ele absorveu você. / À noite talvez, se acordou durante a noite, com angústia no peito, a janela enorme, tocando-me os olhos, ruidosa, à noite talvez eu pudesse dar forma a você, falar, refazer você, costas, um ventre, uma nudez úmida negra, eu não me entrego a isso. / Eu me entrego ao alongamento das janelas, da igreja, no golfo de telhados à esquerda da igreja, onde se lançam as nuvens, tarde após tarde. / Eu deixo o sol se aproximar, me cobrir, se estender, deixando seu calor um momento, pensando, sem acreditar, em sua carne recolocada no mundo, reviva.” (ROUBAUD, 1986: p.37)

Isto torna-se evidente quando ele traça um segundo círculo em seu projeto, imaginando uma realidade organizada a partir de uma outra lógica, como nos versos seguintes, do poema “Roman-photo” (“Fotonovela”, expressão que é testemunha do rigor crítico com que o poeta vê sua tentativa, além de evocar a condição de fotógrafa de *Alix Cléo*): “Le roman se passe dans plusieurs mondes possibles. Dans certains, la jeune femme n’est pas morte.”⁴

Ou ainda no poema “Univers” (“Universo”), em que se propõe a idéia segundo a qual a ausente deste universo estaria presente em outro, dotado de uma lógica simétrica mas inversa:

“Elle est vivante”. j’imagine que cette proposition, fautive dans mon univers, est vraie dans cet autre, l’univers (fictif) de sa vérité.

(...) L’univers reste insensible à l’offre de ma proposition.

Dans l’univers de cette parole, n’existe pas “elle serait vivante”, et pas plus “il arriverait qu’elle serait vivante”. seule l’affirmation sans excuse peut me restituer un instant, comme une résine, le parfum de la nudité.

La proposition “tu es morte”, elle, n’a besoin d’aucun univers de discours.

*Elle ne restitue aucun sens: ni la vue, ni les autres. (...)”*⁵

Assim, o impasse instala-se novamente, pois a proposição “ela está viva” perde sua validade no universo de discurso em que o poeta tem de mover-se, e encontra como limite a impossibilidade de atingir sua existência concreta. Ocorre então a desestabilização da proposição-proposta

⁴ “O romance se passa em vários mundos possíveis. Em alguns, a jovem mulher não está morta.” (ROUBAUD, 1986: p.51)

⁵ “Ela está viva’. imagino que essa proposição, falsa em meu universo, é verdadeira nesse outro, o universo (fictício) de sua verdade. / (...) O universo fica insensível à oferta de minha proposição. / No universo dessa palavra, não existe ‘ela estaria viva’, nem tampouco ‘aconteceria de ela estar viva’. só a afirmação sem desculpa pode me restituir um instante, como uma resina, o perfume da nudez. / Já a proposição ‘estás morta’ não necessita de nenhum universo de discurso. / Ela não me restitui nenhum sentido: nem a vista, nem os outros.(...)” (ROUBAUD, 1986: p.128-129)

lançada pelo poeta, “ponto vacilante” que irá marcar a partida para novo círculo na espiral.

O movimento prolonga-se numa outra dimensão da perda, que aparece também como quebra da referência pacificadora no contato com as coisas. Ela implica a perda da consistência significativa do sujeito, uma vez rompido o agenciamento instaurado com a mulher. O poema “Une logique” (“Uma lógica”) coloca em evidência a natureza desse agenciamento: um *biipsismo*, um modo de estar no mundo que consiste em estar “isolado a dois”, um equilíbrio entre diferentes. O uso dos verbos no condicional nesse poema indica o caráter vagamente utópico da organização – que não passa despercebido a Roubaud, como se vê em “utopiquement unies”, “l’île du deux”, em que a ilha é uma imagem privilegiada da utopia –, mas exprime, principalmente, a distância imprimeida pelo pensamento retrospectivo, uma vez que o sujeito que fala no poema apresenta essa “lógica” como seu ideal perdido. A necessidade em que a consciência brutalmente devolvida ao solipsismo se encontra de reaprender a perceber o mundo configura um novo impasse, uma nova volta da espiral.

Une sorte de logique pour laquelle tu aurais construit un sens moi une syntaxe, un modèle, des calculs

Le monde d’un seul, mais qui aurait été deux: pas un solipsisme, un biipsisme

Le nombre un, mais comme bougé dans un miroir, dans deux miroirs se faisant face

L’ordre dans le monde, mais avec deux commencements

Différents, inséparables

Une première distance, mais qui n’aurait pas pu être morcelée par un regard extérieur; une mesure de cette distance, mais qui n’aurait pas pu être prise sans fausser le système du double: un axiome d’incertitude

Dans ce monde, s’il avait pu être pensé, la pensée de l’autre, toujours, aurait été la pensée de “l’autre de deux”

La pensée de l'extérieur, dans ce monde, le nôtre alors, aurait été celle des choses apparaissant à une conscience alternant, dont seules auraient existé réellement les perceptions, utopiquement unies, tiennes et miennes, à l'intérieur de l'île du deux:

Le frigidaire, le four, les lumières, faiblissantes, les cris et les bruits, enfants, sans hostilité, rumeurs, entre nous la table, pensée, de la cuisine.⁶

A imagem da espiral, em que pese a conotação “infernai” (“On y descend par une spirale, une damnation.”⁷) que ela pode adquirir, devido ao contínuo e desconfortável deslizamento que imprime às posições de um sujeito da enunciação que buscasse um patamar de estabilidade, é extremamente produtiva no texto de Roubaud. Ela movimenta um paradoxo: uma vez no caminho da assimilação, a perda irá mover uma indagação acerca da oscilação entre ausência e presença que será a base da produção poética. É a passagem por cada volta dessa espiral, suscitada pela impossibilidade de se manter o mesmo movimento além do ponto de impasse, que produz a escrita.

Tomar a palavra, frente à impotência da linguagem em evocar concretamente a presença de *Alix Cléo* e a sua simultânea eficácia em delimitar os contornos da ausência, acaba por implicar um trabalho sutil de comunicação entre esses dois bordos. As idas e vindas dos textos que compõem o livro – alguns se enunciam desde a perspectiva (imaginária) da presença, outros desde a perspectiva da ausência (igualmente imaginária, uma vez que dotada de um poder evocatório que já é, diferenciando o

⁶ “Uma espécie de lógica para a qual você teria construído um sentido ou uma sintaxe, um modelo, cálculos / O mundo de um só, mas que teria sido dois: não um solipsismo, um *biipsismo*. / O número um, mas como deslocado num espelho, em dois espelhos frente a frente. / A ordem no mundo, mas com dois começos / Diferentes, inseparáveis / Uma primeira distância, mas que não poderia ter sido fragmentada por um olhar externo, uma medida dessa distância, mas que não poderia ter sido tomada sem alterar o sistema do duplo: um axioma de incerteza / Nesse mundo, se ele pudesse ter sido pensado, o pensamento do outro, sempre, teria sido o pensamento do “outro de dois” / O pensamento do exterior, nesse mundo, o nosso então, teria sido o das coisas que aparecem a uma consciência alternante, das quais apenas as percepções teriam existido realmente, utopicamente unidas, tuas e minhas, no interior da ilha do dois: / A geladeira, o forno, as luzes, enfraquecendo, os gritos e os ruídos, crianças, sem hostilidade, rumeurs, entre nós a mesa, pensada, da cozinha.” (ROUBAUD, 1986: p.49-50)

⁷ “Desce-se por uma espiral, uma danação.” (ROUBAUD, 1986: p.82)

nada, o indiferenciado) – criam uma rede complexa de linhas, uma composição ao mesmo tempo “rítmica e pictural”.

A ausência/presença aparece, assim, como o tema do livro de Roubaud, constituindo, ao mesmo tempo, o motivo e a estrutura reguladora da coesão e da dispersão de seus elementos, como o sugere, entre outros, o poema “Méditation de la comparaison” (“Meditação da comparação”):

(...) Je m'acharne à circonscrire rien-toi avec exactitude, ce bipôle impossible, à parcourir autour, de ceci, ces phrases de neuf que je nomme poèmes.

Avec tout le mécontentement formel dont je suis capable au regard de la poésie.

Entre les mois de silence où je ne me prolongeais que muet.

Et le futur proche où je me tairai de ces poèmes avec absolue incompréhension.(...)⁸

Aqui, a reflexão sobre *o lugar do poético* encontra um lugar privilegiado. Para Roubaud, a poesia é antes de mais nada o lugar da memória, lugar tanto das *hecceidades* ou blocos de memória, quanto da memória das possibilidades e impossibilidades da língua, refletidas na memória da própria poesia. Marcando alguns momentos do percurso de Roubaud, encontramos a memória da poesia, por exemplo, nas ressonâncias de Dante, sob forma da “espiral da danação”, lembrança dos círculos concêntricos infernais, e também da construção da poesia como busca da mulher, que atua no sentido de promover a harmonização do universo do poeta. De Mallarmé, é retomada a sutil meditação sobre a ausência de *Alix Cléo*, “Endormie de son absence absolue éveillée dans son absence intermittente”⁹, herança de “l’absente de tous bouquets”¹⁰.

⁸ “Esforço-me em circunscrever *nada-voce* com exatidão, esse bipolo impossível, em percorrer em torno, disso, essas frases de novo que chamo de poemas. / Com todo o descontentamento formal de que sou capaz em relação à poesia. / Entre os meses de silêncio em que só me prolongava mudo. / E o futuro próximo em que vou me calar desses poemas com absoluta incompreensão.” (ROUBAUD, 1986: p.85)

⁹ “Adormecida em sua ausência absoluta desperta em sua ausência intermitente” (ROUBAUD, 1986: p.69)

¹⁰ “a ausente de todos os bouquets” (MALLARMÉ, 1945: p.368)

Se as *hecceidades* constituem o recurso formal primordial de sua poesia, a convicção de que a poesia torna possível o impossível da língua é o fôlego que anima a invenção formal. Roubaud, reatando a filiação mallarmecana de sua poesia, afirma:

Mallarmé parece considerar (ao menos segundo uma vertente de seu pensamento, “otimista”) a poesia como instrumento perfeito de língua. É por isso que ela “remunera o defeito das línguas”.

Para Mallarmé, as línguas são imperfeitas, “imperfeitas nisso que várias”. Por que a poesia, que se estabelece nas línguas, não o seria, a fortiori, ela também? porque cada palavra em poesia é um nome próprio, um singular de língua (é sua “pureza”). De poesia a poesia (acima da fronteira dos dialetos) cada palavra é incomparável a cada outra, cada palavra é perfeita.” (ROUBAUD, 1995: p.112)

No poema “Apatride”(“Apátrida”), dentro de *Quelque chose noir*, Roubaud propõe um espaço paradoxal em que as distinções entre anterioridade e posterioridade se esvaziam, criando uma espécie de “presente” contínuo que possui as propriedades da memória. Obtém-se, assim, dentro do poema, o processo e o resultado do processo ao mesmo tempo, o impulso criador e seu simultâneo reflexo na obra, numa representação da cena fulgurante da Idéia mallarmecana:

Tê nommer c’est faire briller la présence d’un être antérieur à la disparition.

Donner au même moment à cette disparition un statut autre et plus que la pure, que la simple absence, un statut second¹¹

Esse “estatuto segundo” da ausência, já mediado pelo fazer do poeta, corresponde ao papel que Roubaud atribui à poesia, que é o de ser, principalmente, um *catalisador de memória*, capaz de agir sobre a singularidade de cada leitor; considerado enquanto lugar de uma memória específica que não é compartilhada com os demais, além daquela que ele

¹¹ “Tê nommer é fazer brilhar a presença de um ser anterior ao desaparecimento. / Dar no mesmo momento a esse desaparecimento um estatuto diferente e mais do que a pura, a simples ausência, um estatuto segundo.” (ROUBAUD, 1986: p.87)

compartilha culturalmente com o tempo e o espaço de sua existência. O efeito de memória criado pela poesia conduz o processo de constituição de um sujeito em sua língua:

A poesia em sua língua é memória de sua língua em você.

– Como?

– *Pelo que ela suscita em você, em sua memória. A poesia se efetua numa memória. Ela é um efeito de memória. (...)*

A poesia, para alguém, é o ser de sua língua. (...)

– *A poesia se subtrai à regra chamada da “publicity of meaning”. A discussão sobre a significação da poesia (nos poemas) fica desde o início distorcida se não se lera isso em conta. No “sentido” do que um poema diz, há necessariamente uma parte preponderante de privado intransmissível, não interpessoal.*

Segue-se disso que a poesia, se a acolho e a reconheço, faz da minha língua mais do que qualquer outro uso, me faz possuidor de minha língua.

Minha língua me pertence pela poesia. (ROUBAUD, 1995: p.103-104)

Contudo, a possibilidade da poesia como processo desencadeador da memória, agindo no espaço do privado intransmissível, hoje, torna-se menos evidente, dentro do quadro daquilo que Deleuze e Foucault, de maneiras complementares, apontaram como uma passagem, realizada em diferentes níveis segundo a parte do mundo que escolhermos observar, mas em vias de franca globalização, de uma sociedade que pune a uma sociedade que vigia: a instalação de *uma sociedade de controle*¹². Os produtos discursivos da sociedade contemporânea refletem e reforçam, num movimento de dupla produção, os parâmetros desse controle, exercido, entre outras formas, pelo esvaziamento, massificação e deglutição das diferenças numa espécie de “consenso” morno.

Esse contexto cria um impasse para a poesia tal como Roubaud a entende, e desemboca numa incompatibilidade, numa falta de sincronicidade, entre vários elementos do processo, a saber: o poeta, os leitores de

¹² Neste modelo de sociedade, em contraste com o jogo tradicional do poder, observa-se uma dinâmica diferente: “O jogo do mundo mudou singularmente, já que ele se tornou o jogo que diverge. (...) É um mundo de capturas, mais do que um mundo de fechamentos.” (DELEUZE, 1988: p.111)

poesia e a tradição poética (inclusive a tradição vanguardista de ruptura). A saída para o impasse, propõe Roubaud, consistiria em medir a dificuldade da poesia pela dificuldade do tempo em que vivemos, apreendendo-a como sintoma não da falência da própria poesia, mas da uniformização do pensamento que ocorre paralelamente à perda dos espaços de questionamento individual. É o que descreve uma teórica contemporânea, enfatizando a necessidade da “revolta”, entendida como resistência, como reconstituição de um espaço íntimo:

Nisso estamos, e não vejo outro papel para a crítica e a teoria literárias senão o de iluminar o valor das experiências-revoltas, formais ou filosóficas, que têm talvez uma chance de manter viva nossa vida interior, esse espaço psíquico que se chama de alma e que é provavelmente a face escondida, a fonte invisível e indispensável do Belo. (KRISTEVA, 1996: p.22)

Partindo dessa constatação, que segue a mesma direção do diagnóstico feito por Roubaud dos impasses de nossa época, cabe à experiência da poesia, para continuar a ser possível *hoje*, assumir um caráter de resistência individual, de enfrentamento da própria recusa da poesia, combatendo o que o poeta chama de “preguiçoso abandono aos modos de existência contemporâneos” (ROUBAUD, 1995: p.274-275).

*RÉSUMÉ: Jacques Roubaud tient une permanente réflexion sur le temps et la mémoire dans ses textes. Dans *Quelque chose noir*, il s'ajoute à cette réflexion la pensée poétique de l'absence. La mémoire, lumière et ombre, conduit le parcours de l'écriture, comme dans une spirale, de l'impasse à l'expansion, et peut ouvrir un espace d'intensité à la production poétique contemporaine.*

MOTS-CLÉS: poésie; absence; mémoire; temps; contemporanéité.

BIBLIOGRAFIA

DELEUZE, G. (1988) *Le pli. Leibnitz et le baroque*. Paris, Minuit.

- _____ e GUNTARI, F. (1980) *Mille plateaux*. Capitalisme et schizophrénie II. Paris, Minuit.
- JAPIASSU, H. e MARCONDES, D. (1993) *Dicionário básico de filosofia*. Rio de Janeiro, Zahar.
- KRISTEVA, J. (1996) *Sens et non-sens de la révolte*. Pouvoirs et limites de la psychanalyse I. Paris, Fayard.
- MALJARMÉ, St. (1945) "Crise de vers". *Oeuvres complètes*. Paris, Gallimard.
- ROUBAUD, J. (1986) *Quelque chose noir*. Paris, Gallimard.
- _____ (1993) *L'invention du fils de Leoprepes*. Poésie et mémoire. Paris, Circé.
- _____ (1995) *Poésie, etcetera; ménage*. Paris, Stock.